

A necrópole da Igreja de Nossa Senhora dos Anjos (Almendra, Vila Nova de Foz Côa)

Luís Luís*

1. Introdução

A Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, matriz de Almendra encontra-se classificada como Imóvel de Interesse Público (Decreto n.º 37 366, Diário do Go-

verno n.º 70, de 5 de Abril de 1949) (IPA.00005792). A primeira referência escrita à Igreja de N. Sra. dos Anjos, ou de Sta. Maria, surge em 1320/21. No entanto, a julgar pela data inscrita no medalhão que se sobrepõe à porta principal, o atual edifício corresponderá a uma reedificação, datada de 1565. Esta reconstrução sofreu entretanto um conjunto de alterações entre os séculos XVII e XVIII, nomeadamente com a edificação de capelas (Conceição, 1992). O edifício encontra-se orientado a Oeste, na entrada da atual povoação para quem chega desde as margens do rio Côa (fig. 1).

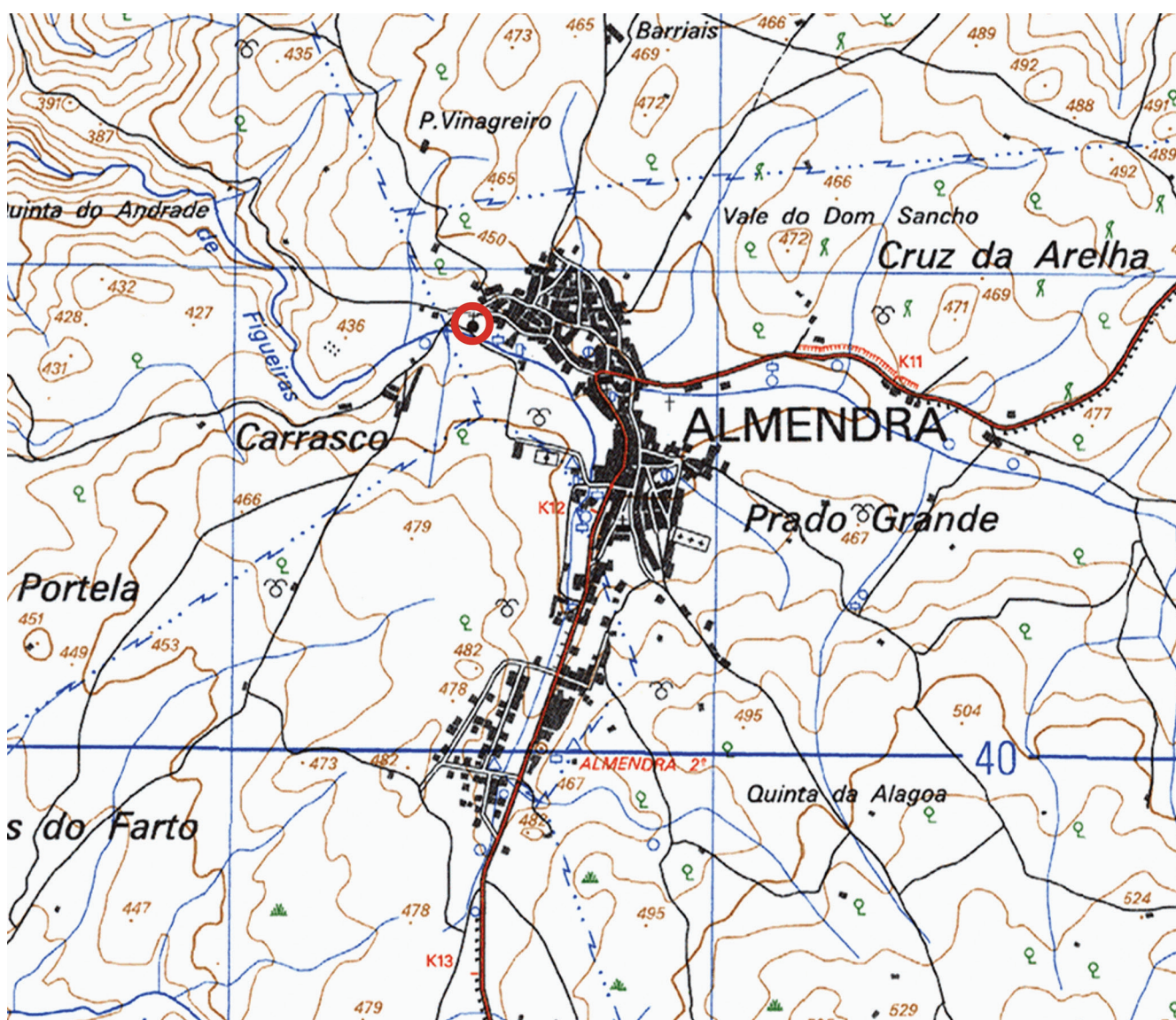


Fig. 1: Localização da Igreja da N.S. dos Anjos, Almendra (CMP 1:25.000, fl. 151).

* Arqueólogo – Fundação Côa Parque.

O edifício possui uma planta de três naves, com uma capela-mor de planta quadrangular, contrafortes nos ângulos e embasamento proeminente biselado. No alçado Sul, adossada à capela-mor, dispõe-se a sacristia. Adossada à fachada principal existe uma torre, igualmente de planta quadrada. Verificam-se claras “diferenças construtivas entre a capela-mor e torre e o corpo das naves”, que são mais baixas (Conceição, 1992).

O edifício encontra-se implantado numa zona da formação de Desejosa, mas junto ao seu limite com a formação de Pinhão. Trata-se de uma das unidades dos metassedimentos do Grupo do Douro, inserido no Complexo Xisto-Metagraváquico, caracterizada por filitos, metagrauvaques, quartzito e meta-calcários (Ribeiro, 2001; Silva e Ribeiro, 1991). No local, a xistosidade apresenta uma orientação sensivelmente Este/Oeste.

Nas proximidades regista-se um conjunto de sítios arqueológicos de cronologia romana, como a Quinta do Andrade (CNS 11038), o Vale de Mateus/Gamoal (CNS 8449)¹ ou a Tapada da Penascosa (CNS 11154), provavelmente associados a uma antiga via de atravessamento do curso do Côa, marcada por alguns troços de calçada (Luís, 2005).

2. Enquadramento da intervenção

Em Dezembro de 2003 o Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) tomou conhecimento da realização de obras de remodelação do adro da Igreja de N. S. dos Anjos, matriz de Almendra, da responsabilidade da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, cujos trabalhos de acompanhamento arqueológico se encontravam a cargo do Dr. António Sá Coixão, e durante os quais se procedeu à identificação e escavação de um conjunto de sepulturas de cronologia medieval, que se sobrepunham a níveis de época romana (Coixão, 2004).

Tendo o arqueólogo responsável dado por concluídos os trabalhos de minimização das obras de

remodelação do adro, foi solicitado ao Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, responsável pela obra, Eng. Sotero Ribeiro, pelo então diretor do PAVC, Arqto. Fernando Maia Pinto, a continuação dos trabalhos de escavação.

Estando então a obra quase concluída, com a exceção da zona junto ao adro Norte da igreja, e prevendo-se a cobertura da área com novo pavimento a curto prazo, entendeu o PAVC que se deveria aproveitar esta oportunidade para alargar a área de escavação a toda a zona entre a área aberta pelo Dr. António Sá Coixão e o alçado norte da igreja.

Considerou-se tratar-se de uma intervenção essencial para a compreensão não só da igreja, mas também da necrópole identificada pelas recentes escavações, como pelos níveis romanos subjacentes. Para além deste facto, a escavação junto do alçado Norte da igreja poderia permitir ainda o estabelecimento uma relação direta entre a necrópole e a construção da igreja.

Esta intervenção visava contribuir para um mais profundo conhecimento da história da povoação de Almendra e, através dela, de toda a área do PAVC. A urgência de intervenção justificava-se com a iminência das obras de pavimentação, que impediriam trabalhos nos anos mais próximos.

Os trabalhos contaram com a colaboração da edildade, que suspendeu as obras de pavimentação na área entre o alçado norte e a estrada que sai de Almendra em direção ao Côa, tendo ainda participado financeiramente os trabalhos.

Para além do apoio financeiro da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, os trabalhos contaram ainda com a colaboração da Junta de Freguesia de Almendra, na pessoa do então Presidente, Sr. José Carlos Reis Monsanto, que disponibilizou duas tendas para proteção solar.

3. Metodologia e intervenção realizada

Os trabalhos de campo iniciaram-se a 24 de Junho e deram-se por concluídos a 23 de Julho de 2004.

Conforme se pode ler no relatório preliminar apresentado ao IPA/PAVC, e posteriormente publicado, na primeira fase da intervenção, cujo objetivo era a

¹ Apesar de na respetiva fichado sítio no Portal do Arqueólogo se referir apenas vestígios calcolíticos, a ficha original do sítio faz menção a outros achados, nomeadamente romanos e medievais (Aubry et al., 1997, p. 101)

instalação de um geodreno, definiu-se uma quadriculagem de A a F, junto ao alçado Norte da igreja, tendo sido escavadas 34 quadrículas de um metro quadrado, de A1 a A34 (Coixão, 2004, p. 75 e fig. 2). Sendo o objetivo dar continuidade aos trabalhos anteriores, respeitámos a quadriculagem previamente definida. Apenas a alargámos para Nordeste, de forma a integrar igualmente o sector junto à capela-mor da igreja².

Os trabalhos incidiram assim sobre a área junto ao alçado Norte da nave da igreja (sector A). Este sector, que representou cerca de 40 metros quadrados, corresponde aos quadrados B, C, D, E e F, 26 a 33. Foi aberto ainda um quadrante dos quadrados

C25, D25 e E25. O sector B corresponde ao alçado norte da capela-mor, e da sua ligação com a nave do edifício, apresentando cerca de sete metros quadrados (fig. 2).

A escavação desenvolveu-se segundo camadas naturais através do recurso a colherim e pico, que foram complementados por material mais preciso, quando se tratava do preenchimento das sepulturas. Uma vez identificada cada sepultura, considerou-se essa realidade como uma unidade estratigráfica, distinguindo contudo o material osteológico em articulação, de outro, disperso na camada ou correspondente a uma reorganização em virtude da reutilização do espaço (por ex. Sep. 21).

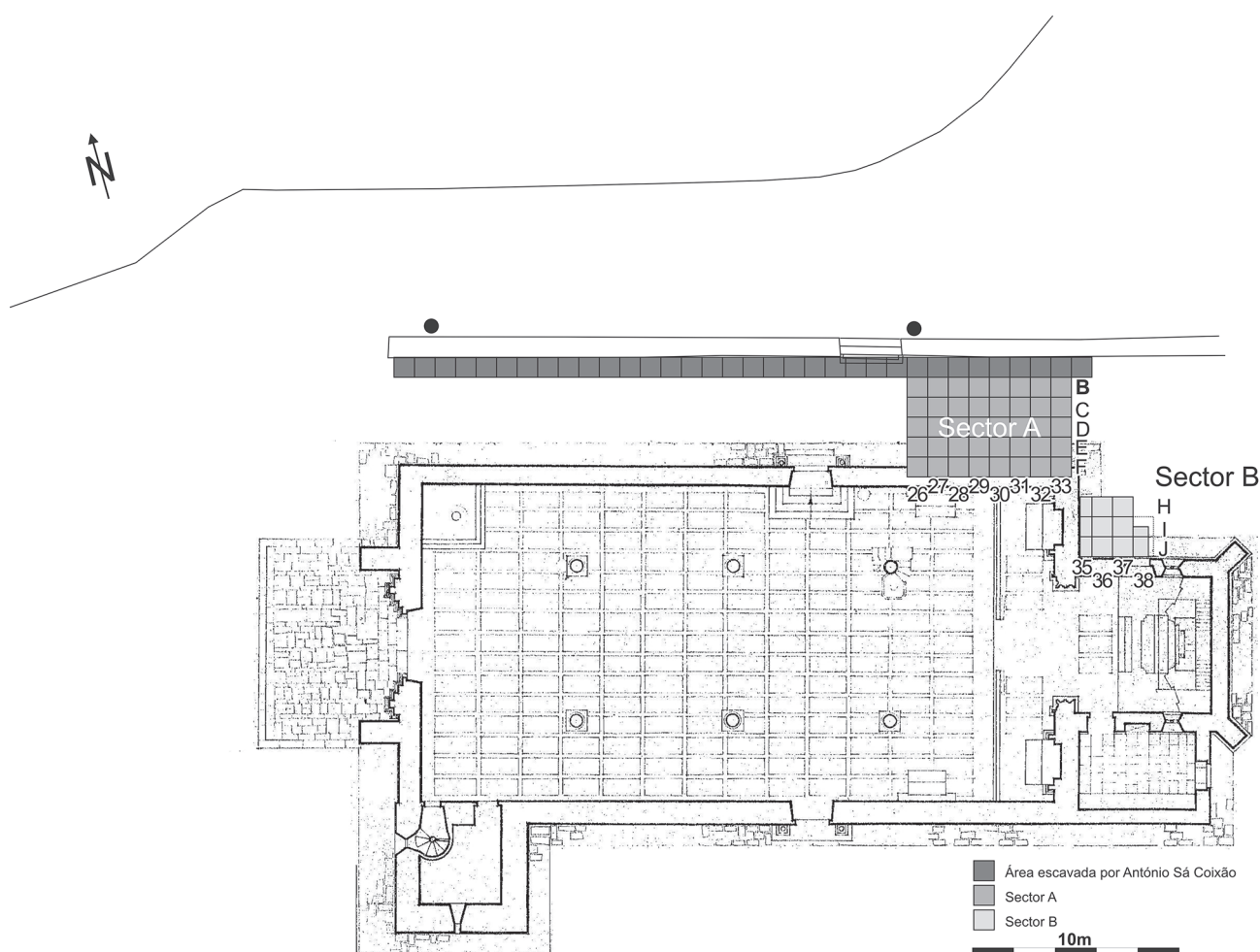


Fig. 2: Planta geral da intervenção arqueológica (planta base da igreja: www.monumentos.pt)

² No processo de alargamento da área de escavação, um lapso nosso fez com que se tivesse saltado um número na definição das quadrículas na passagem do sector A para o B. Deste modo, na nossa quadriculagem não existe a fiada 34, passando-se da 33, para a 35.

Desenharam-se os diferentes planos estratigráficos, à escala de 1/20, com indicação das respetivas cotas relativas. Foram realizados ainda os desenhos de cada uma das sepulturas, à escala 1/10,

desenhando-se vários planos, quando justificado por exemplo pela existência de coberturas (por ex. Sep. 32).

Em virtude dos objetivos a que nos propúnhamos, optou-se por uma metodologia de escavação em extensão. Por este facto e por não se ter atingido uma grande profundidade, não se proporcionou a definição cortes, com a exceção do corte Este do quadrado F28, que foi desenhado e fotografado.

Todo o andamento dos trabalhos foi objeto de registo fotográfico, incluindo os vários planos estratigráficos e a sepulturas, antes, durante e depois da sua escavação, bem como de pormenores considerados relevantes.

A escavação arqueológica foi orientada pelo signatário, e teve o necessário acompanhamento pela antropóloga física Sónia Codinha (2005).

A equipa de escavação foi composta por Marta Mendes, arqueóloga ao serviço do PAVC, Carla Magalhães e Jorge Davide Sampaio (assistentes de arqueólogo do PAVC), Manuela Nogueira (assistente de arqueólogo da empresa Primitempus) e Winde Mertens (licenciada em Arqueologia da Paisagem, então estagiária no PAVC).

Recorreu-se ainda aos préstimos de Amélia Freixo de Sá e Sílvia Cotovio, que se encontravam a colaborar com o PAVC no âmbito dos Programas Ocupacionais do Instituto de Emprego e Formação Profissional.

Os trabalhos contaram ainda com o acompanhamento do Dr. António Sá Coixão, arqueólogo responsável pela primeira fase dos trabalhos.

4. Resultados

4.1. Sequência estratigráfica

4.1.1. Sector A

À data da escavação, a área encontrava-se coberta por uma calçada subatual composta por seixos de xisto, granito e algum quartzito, de formas irregulares (Unidade Estratigráfica 1). Esta calçada, que se distribuía ao longo de todo alçado Norte da igreja, foi removida de todo o sector A com recurso a uma máquina retroescavadora da CMVNFC, sob acompanhamento técnico.

Sob a calçada, desenvolvia-se uma camada (UE2), algo pulverulenta e pouco compacta, de um castanho mais claro (fig. 3), com presença abundante de telha mourisca, pregos e outros elementos de ferro, alguma cerâmica vidrada, *tegula* ocasional e grande quantidade de ossos avulsos. Todo este material surgia em posição secundária, tendo a camada sido interpretada como uma preparação da calçada, durante a construção da qual se procedeu a uma destruição dos níveis mais recentes da necrópole.

Subjazia-lhe uma camada mais escura e compacta (UE3), que se revelou estar depositada sobre as sepulturas. Começou aqui a identificar-se o afloramento que demarcava as sepulturas escavadas na rocha, registando-se a presença de algum material arqueológico em posição secundária, nomeadamente um fragmento de *terra sigillata*.

Sob a indicação UE4 foram incluídas as terras provenientes do enchimento das sepulturas escavadas na rocha, que a subdividiam. De forma a evitar a profusão de unidades, o conteúdo das diferentes sepulturas foi distinguido através da referência a esta unidade e à respetiva sepultura. O enchimento das diferentes sepulturas era composto maioritariamente por terra, surgindo também quartzo, ossadas humanas avulsas, prova da contínua reocupação da necrópole, e alguma cerâmica de construção romana.

Na área dos quadrados B/C29-32 foi identificada uma área de regularização do afloramento rochoso, formando um piso através de um alisamento (UE5). Foi possível identificar esta unidade a mais de três metros de distância, no quadrado C26 (fig. 4).

Na área noroeste do sector (C/B29-31) foi identificada uma camada cinzenta, muito fina, compacta e pulverulenta (UE6), contendo raras pedras, que aumentavam de densidade na zona da fiada 33, sobre a UE5 (fig. 4).

No interior da Sepultura 27 identificou-se uma camada muito mais dura, com terra muito compacta, cujos ossos se desfaziam ao remover a terra, apresentando igualmente abundante pedra (UE7). A continuação da escavação e o desenho do material osteológico veio conformar trata-se da continuação da sepultura, embora a terra se mostrasse aqui muito mais compacta.



Fig. 3: Vista do topo da unidade estratigráfica 2 no sector A.

Ao longo da parede da igreja identificou-se uma camada arqueológica (UE8), que constituía o enchimento final dos alicerces e cortava o nível de sepulturas escavadas na rocha (fig. 4 e 5).

Sob esta unidade identificou-se a vala de fundação da parede norte da igreja (UE9), composta por diferentes níveis pedras pequenas, intercalados com níveis mais argilosos e húmidos (fig. 6).

A parede norte da igreja, construída por grandes blocos de granito retangulares, bem aparelhados, foi definida como Unidade Estratigráfica 10.

4.1.2. Sector B

No sector B não se verificava a existência da calçada e a camada de superfície, era composta por terra muito solta, arenosa, castanha clara, contendo blocos de xisto e granito, muito lixo subatual como vi-

dro, tecido, pregos e abundantes fragmentos de telha mourisca, que provavelmente documentam uma mudança do telhado (UE1). Subjazia-lhe a Unidade Estratigráfica 2, mais compacta fina e escura, e com menos pedras e telha.

A Unidade Estratigráfica 3 era uma camada composta por uma argamassa branca, sobretudo nos l/J36, estando nos restantes muito destruída e surgindo a espaços. Apresentava uma espessura de cerca de 2,5 cm, apresentando alguma cerâmica e negativos de material orgânico de natureza vegetal (fig. 7). Sob ela, verificou-se uma camada de preparação do piso argamassado (UE4), composta por blocos de pequena dimensão, sobretudo de xisto, mas também granito e alguma telha.

A Unidade Estratigráfica 5 correspondia à camada na qual foi escavada a sepultura 26. De cor casta-

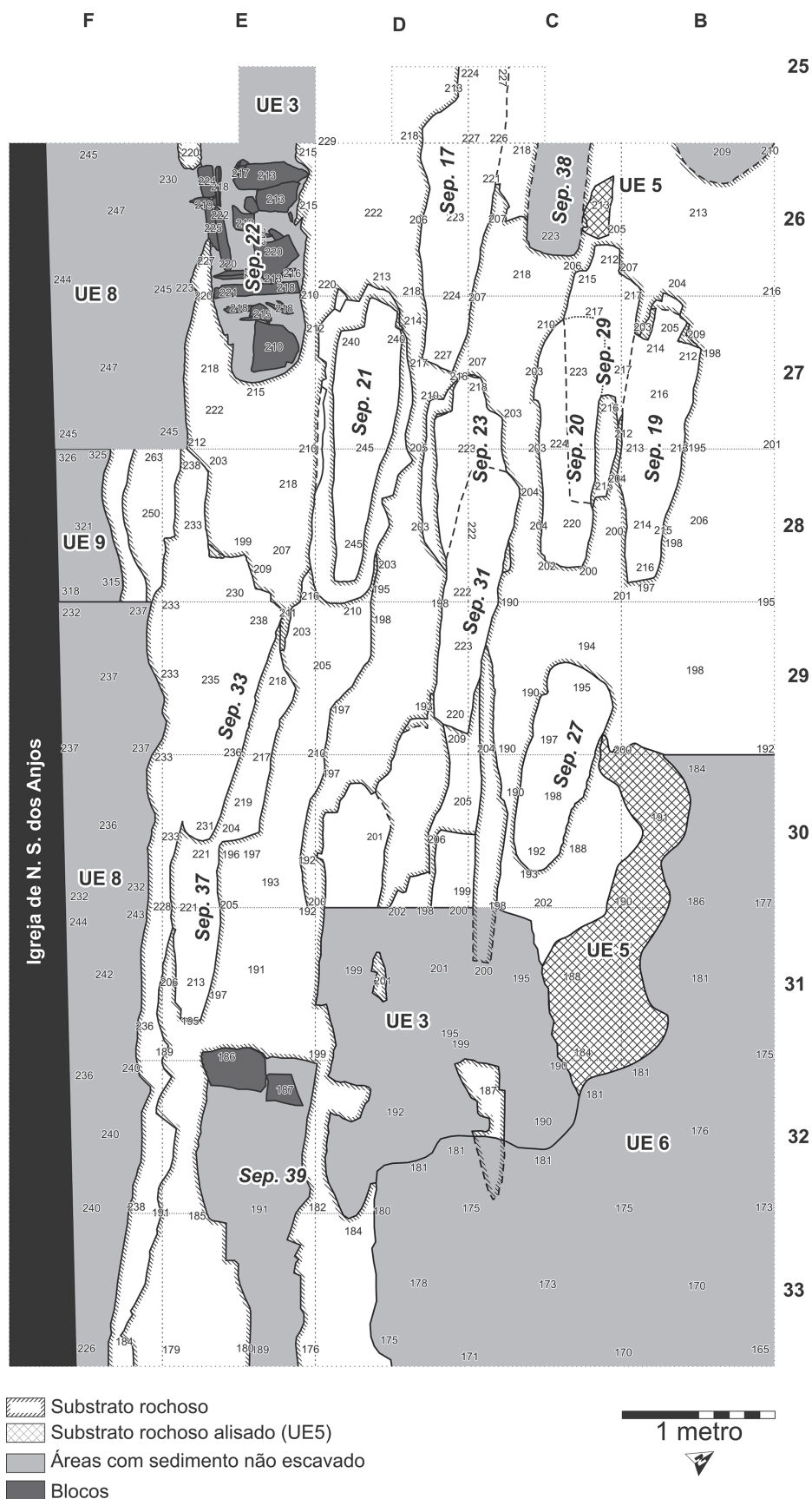


Fig. 4: Planta final da escavação do Sector A.



Fig. 5: Vista da unidade estratigráfica 8 e sua relação com o afloramento.

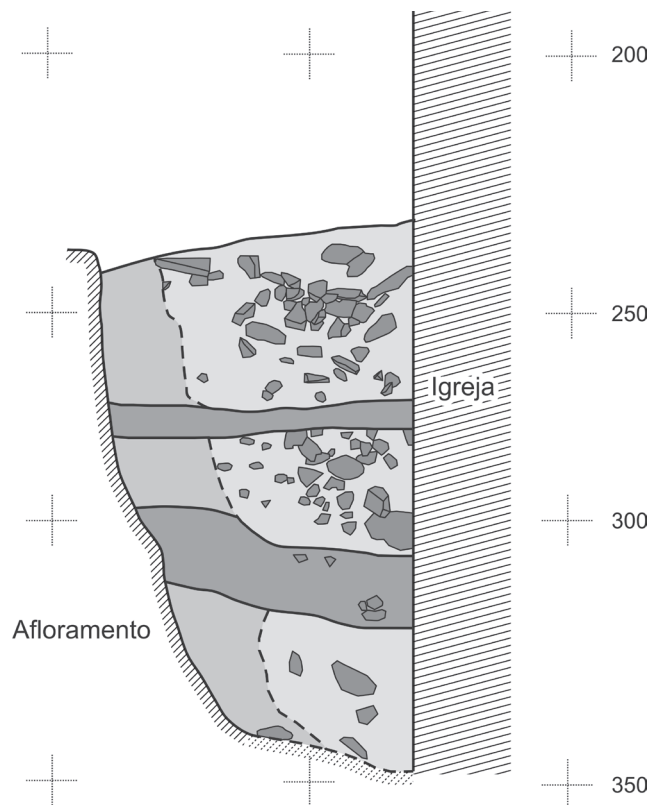


Fig. 6: Corte F28/29.



Fig. 7: Unidades estratigráficas 3 (em primeiro plano), 4 (em segundo plano) e 10 (alicerce à direita) do sector B.

nha escura, húmida, com presença de rara cerâmica e muitos ossos dispersos, encostada à parede Norte da capela-mor, ao longo das quadrículas J36/37 (fig. 8).



Fig. 8: Pormenor da sepultura 26 e do seu colar de contas in situ.

Junto à parede alicerce da parede do topo da nave central, identificou-se uma unidade composta por terra muito solta (UE6), com abundantes pedras e de coloração esbranquiçada, devendo corresponder à vala de fundação (fig. 9).

Seguiam-se a UE 7, correspondente à sepultura 32, a UE 8, localizada entre a sepultura 32 e o alicerce e a UE 9, composta por pedras de xisto e algum granito, subjacente à UE 8 (fig. 9).

A Unidade Estratigráfica 10 corresponde ao alicerce saliente da parede do topo da nave central, a 11 à parede do topo da nave da igreja e a 12 à parede norte da capela-mor.

4.2. Estruturas de enterramento

Na referência das sepulturas continuou-se a numeração iniciada por António Sá Coixão. A realização do relatório antropológico de campo foi da responsabilidade de Sónia Codinha (2005). Com pequenas variações, todas as sepulturas se encontravam orientadas no sentido Este-Oeste (fig. 10), e os indivíduos nelas inumados, encontravam-se em decúbito dorsal (quadro 1).

Sep. 17 (C/D 25/27)

Sepultura de formato subtrapezoidal, escavada na rocha, com paredes retas. No seu interior encontrava-se um indivíduo em mau estado de conservação, representado apenas pelos membros inferiores.

Sep. 18 (B 27)

Pequena sepultura em fossa, originalmente escavada no sedimento. A sepultura encontrava-se muito à superfície, pelo que o material osteológico, de um indivíduo não adulto, se encontrava em mau estado de conservação, tendo-se apenas identificado a metade inferior do esqueleto.

Sep. 19 (B 27/28)

Sepultura antropomórfica escavada na rocha. No seu interior identificou-se um indivíduo que, apesar de se encontrar em mau estado de conservação, permitiu a determinação do sexo masculino, encontrando-se em posição de decúbito dorsal.

Sep. 20 (C27/28)

O conteúdo desta sepultura resumia-se a dois fragmentos de tíbia e um de fémur, tendo-se considerado, numa primeira fase que pertenciam a uma sepultura antropomórfica, escavada na rocha. No entanto, apesar de assim surgir no relatório antropológico de campo (Codinha, 2005, p. 5), uma análise mais atenta da sepultura permitiu verificar que o que fora inicialmente considerado como uma única sepultura, se revelou afinal serem duas sepulturas (20 e 29). O extraordinário comprimento da estrutura, bem como uma ligeira deslocação, faz-nos verificar este facto. É-nos difícil definir a sequência da organização deste espaço funerário, devido à falta de material osteológico, contudo julgamos poder definir a sequência da seguinte forma. Num primeiro

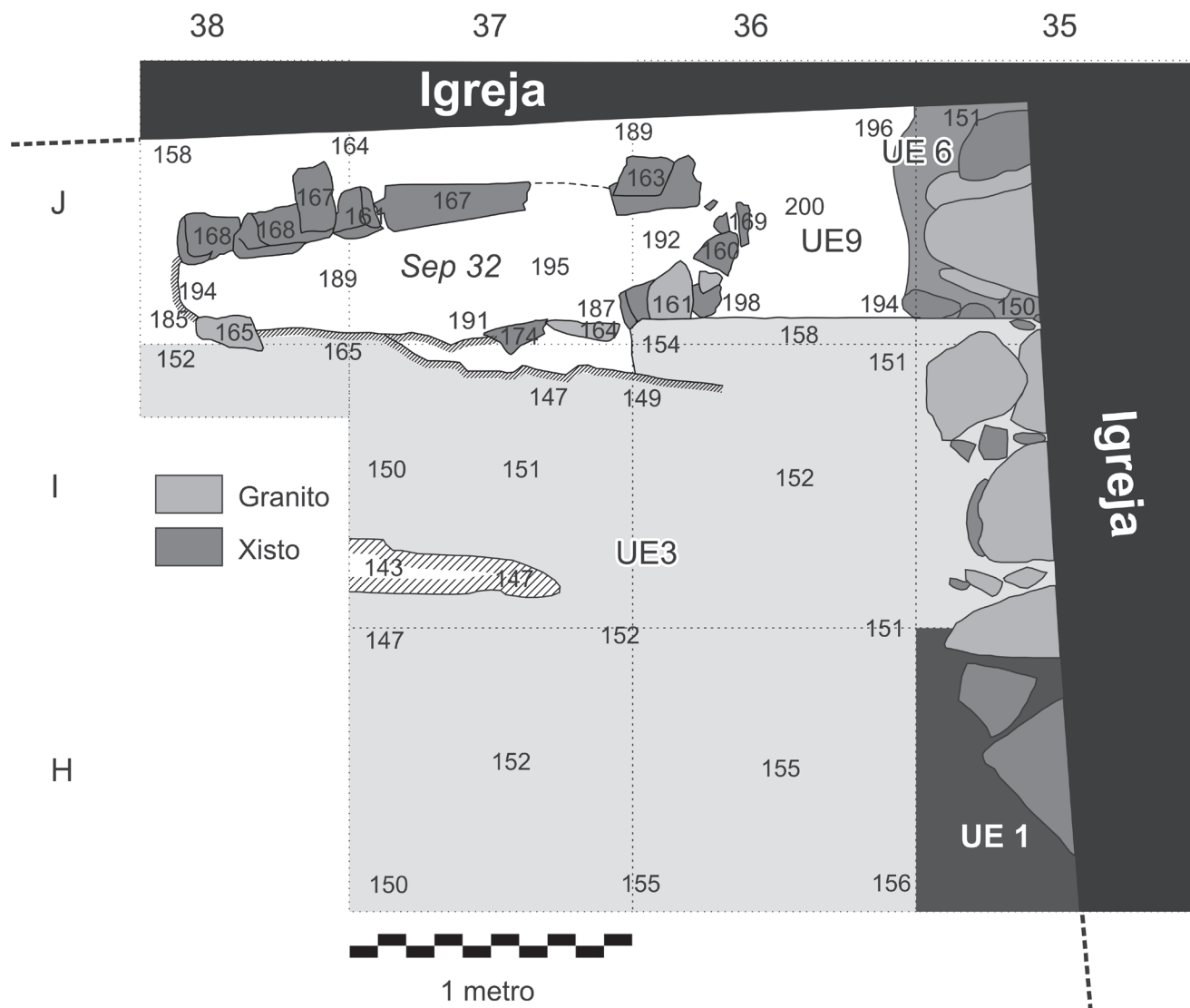


Fig. 9: Planta final da escavação do sector B.

momento ter-se-á escavado uma primeira sepultura antropomórfica, que se encontra hoje vazia de qualquer conteúdo osteológico estruturado (Sep. 29 B/C 26/28). Numa segunda fase terá sido escavada uma segunda sepultura, sobrepondo-se parcialmente à sepultura anterior, mas deslocada um pouco no sentido de Sul (Sep. 20, C27/28). É esta a sepultura que apresenta o único material osteológico acima referido, sendo essa a única razão para a definirmos como posterior.

Sep. 21 (D/E 26/29)

Sepultura escavada na rocha, de grande profundidade, com paredes retas e forma antropomórfica. A sepultura encontrava-se coberta por três lajes

de xisto e por uma pequena fiada de pequenas pedras que, previamente à escavação do seu conteúdo, se julgou marcarem o remate da sepultura. A continuação da escavação permitiu perceber que elas marcavam antes a cabeceira da Sep. 25. No seu interior identificou-se um esqueleto de indivíduo adulto do sexo feminino, em mau estado de conservação. Aos seus pés encontrava-se um crânio de outro indivíduo, prova da reutilização do espaço.

Sep. 22 (E 26/27)

Sepultura escavada na rocha, coberta integralmente por um numeroso conjunto de lajes de xisto. Devido ao comprimento identificado, a sepultura dever-se-á

Quadro 1: Quadro-resumo das estruturas de enterramento identificadas (dados antropológicos a partir de Codinha, 2005).

Nº	Forma	Idade	Sexo	Crânio	Membros superiores	Membros inferiores	Comp. in situ	Patologias	Espólio
17	Antropomórfica	Adulto	Ind.			Esticados e paralelos			
18	Ind.	6	Ind.		Mão direita sobre ilíaco esquerdo	Membro esquerdo esticado			
19	Antropomórfica	Adulto	Masculino	Para a direita	Cruzados sobre o peito	Esticados e cruzados nos pés	150		
20	Ind.	Ind.	Ind.			Esticados e paralelos			
21	Antropomórfica	Adulto	Feminino	Sobre a base	Esquerdo fletido a 90°, esquerdo a 45°.	Esticados e paralelos		Calo ósseo a meio da diáfise do fémur esquerdo (fratura).	
22	Ind.								
23	Antropomórfica	Adulto	Ind.			Esticados e paralelos			
24	Ind.	Meia idade a idoso	Feminino	Para a direita	Cruzados sobre o ilíaco	Esticados e paralelos	153	Artrose nas vértebras, eburnação no joelho esquerdo, osteófitos no calcâneo e talus direitos, periostite na tibia direita.	
25	Ind.	Adulto	Ind.		Cruzados sobre o peito, fletidos a 90°				
26	Ind.	18/21	Feminino	Para a esquerda	Direito fletido a 120° e esquerdo a 90°	Esticados e paralelos	158		Colar de contas azuis ao pescoço
27	Ind.	Adulto	Ind.		Fletidos a 120°	Esticados e paralelos			
28	Ind.	12 anos ± 30 meses	Ind.	Para a direita	Cruzados sobre o peito				Colar metálico e anel na não esquerda
29	Antropomórfica	Vazia de conteúdo							
30	Ind.	5 anos ± 16 meses	Ind.	Para a direita	Fletidos a 120°	Esticados e paralelos			Brincos metálicos
31	Sub-trapezoidal	10 meses a 3 anos	Ind.			Esticados e paralelos			
32	Antropomórfica	Adulto	Feminino	Sobre a base	Cruzados sobre o peito, esquerdo fletido a 120° e direito a 90°	Esticados e paralelos	161		
33	Ind.	Adulto	Ind.	Sobre a base	Direito fletido a 120° e esquerdo a 90°	Esticados e paralelos	156		
34	Ind.	Adulto	Ind.			Esticados e paralelos			
35	Ind.	Adulto	Ind.			Esticados e paralelos			
36	Ind.	Meia idade a idoso	Feminino	Sobre a base	Cruzados sobre o peito	Semi-fletidos para o lado direito	168	Patologia degenerativa na articular coxo-femural	
37	Ind.	Vazia de conteúdo							
38	Ind.	Não escavada							
39	Ind.	Não escavada							

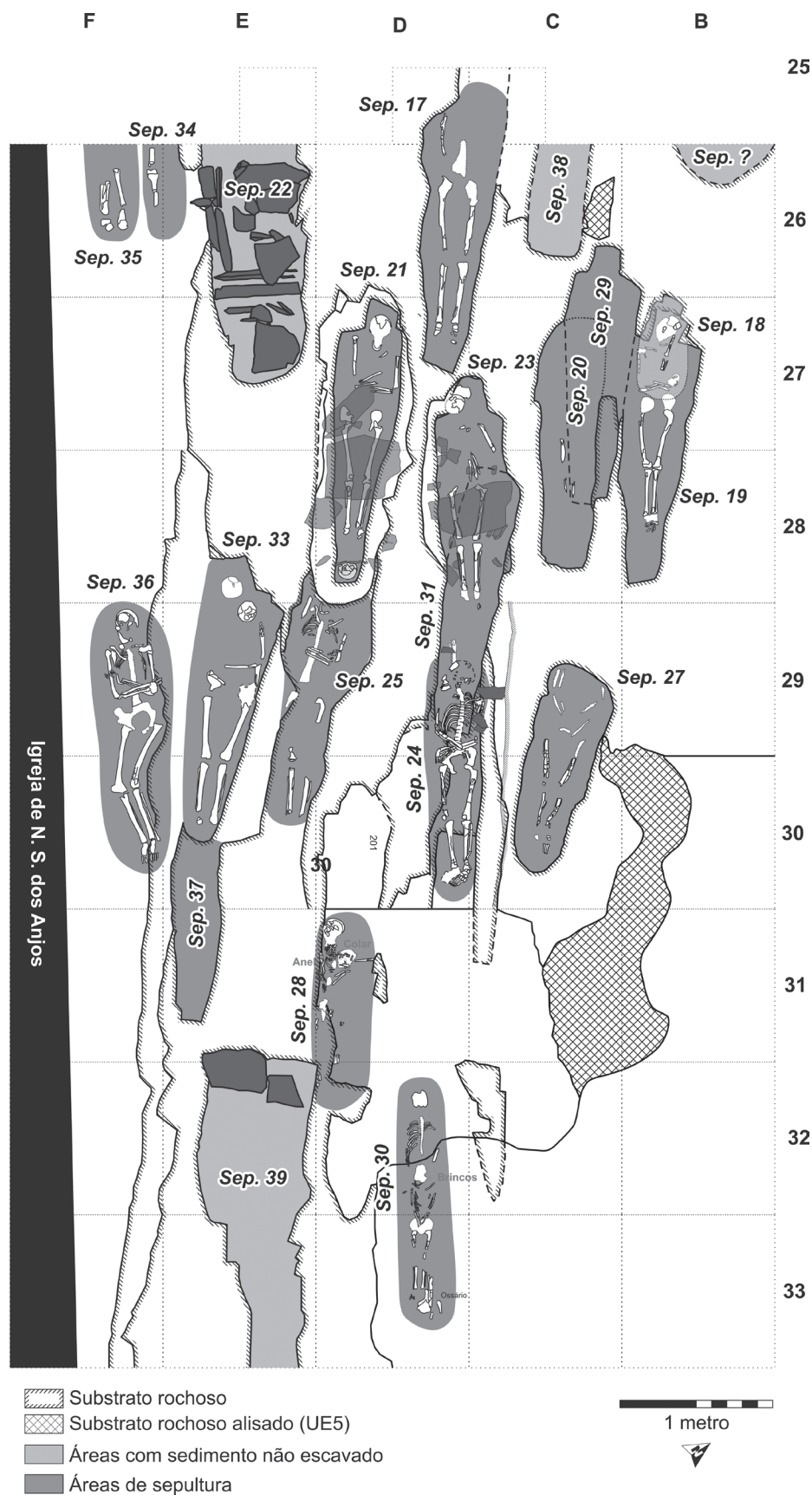


Fig. 10: Organização da necrópole no sector A.

prolongar para o quadrado E25, fora dos limites da escavação. Este facto, e o facto da sepultura se encontrar inviolada e, por isso, em condições regulares de preservação, levou à decisão da sua não escavação.

Sep. 23 (C/D 27/29)

Sepultura antropomórfica, escavada na rocha, que se encontrava coberta por uma laje de granito e alguns blocos de xisto. No seu interior encontrava-se um esqueleto em decúbito dorsal em mau estado de conservação, impossibilitando a determinação do sexo. Esta sepultura cortava a sep. 31, apresentando uma orientação ligeiramente distinta.

Sep. 24 (C/D 29/30)

Inumação de mulher em decúbito dorsal, cujo esqueleto, praticamente completo, se encontrava depositado numa depressão realizada no afloramento. Devido à sua baixa profundidade, não se pode, neste caso, falar de sepultura escavada na rocha. Dever-se-á ter tratado antes de uma inumação em fossa escavada no sedimento, tendo-se, neste caso, atingido o afloramento.

Sep. 25 (D/E 28/30)

Tal como a anterior, esta sepultura terá sido originalmente escavada na camada sedimentar, tendo-se escavado um pouco o afloramento, mas não o suficiente para se considerar uma sepultura escavada na rocha. No substrato rochoso não se definem a cabeça ou os pés da sepultura, mas apenas os seus limites laterais. Os limites da cabeça parecem ter sido marcados por uma fila de pequenas pedras. No seu interior encontrava-se depositado, em decúbito dorsal, o esqueleto, muito mal preservado, de um indivíduo adulto de sexo indeterminado.

Sep. 26 (J 36/38)

Sepultura escavada no solo, tendo sido apenas possível determinar o seu limite SO, uma vez que se encontrava encostada ao alçado Norte da capela-mor (Sector B). No seu interior encontrava-se um esqueleto de um indivíduo de sexo feminino, muito danificado devido ao facto de ter sido construído um piso de argamassa sobre a sepultura (UE4B). Em volta do pescoço identificou-se um conjunto numeroso de contas azuis, pertencentes a um colar (fig. 8 e 11)

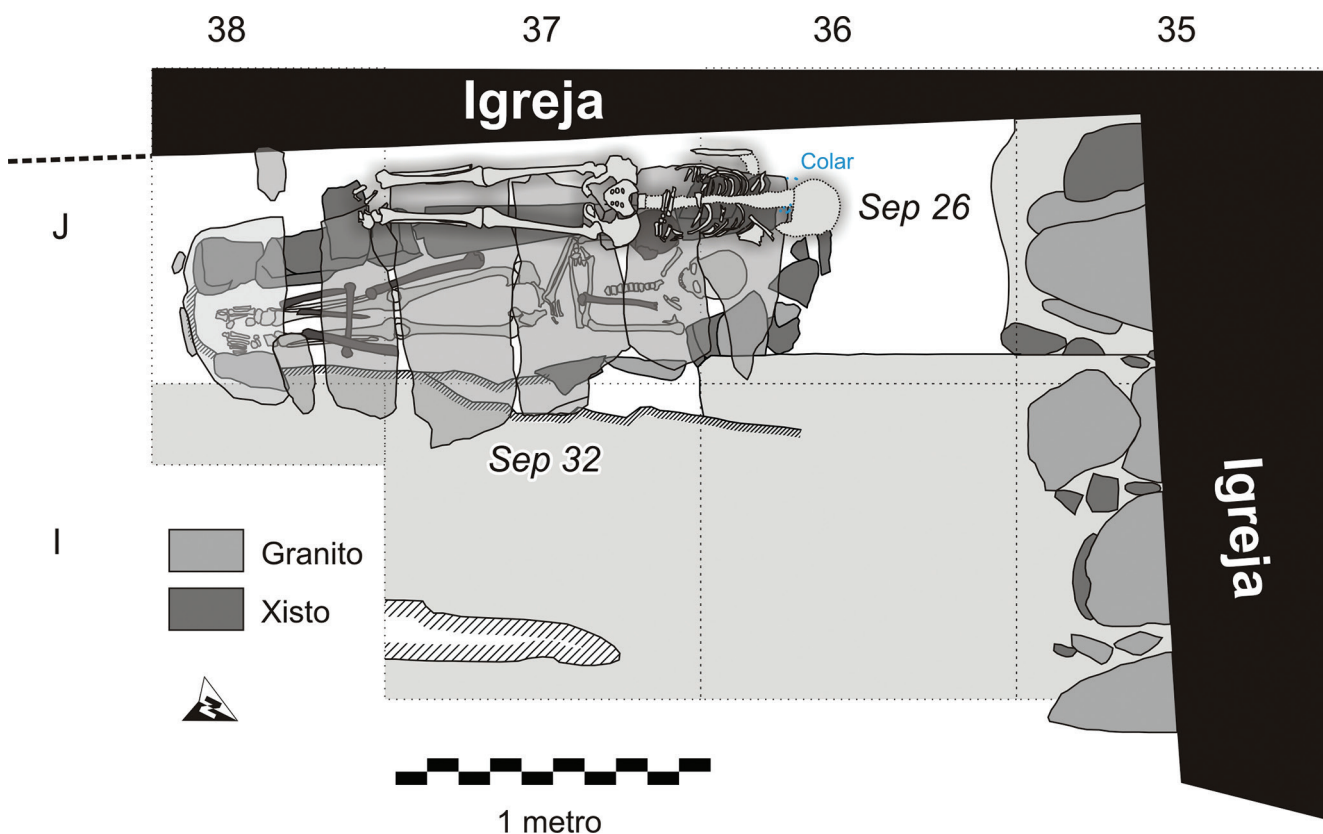


Fig. 11: Sepulturas do sector B.

Sep. 27 (B/C 29/30)

Sepultura escavada no solo, tendo-se atingido e rebaixado um pouco o afloramento. No seu interior encontrava-se um esqueleto em muito mau estado de conservação, cujos ossos se desfaziam em pó, tendo a sua posição tido sido identificada pela distribuição dos ossos em desagregação. Não foi identificado o crânio, que se encontraria localizado num plano superior ao resto do corpo. Durante a escavação desta sepultura definiu-se uma unidade arqueológica (UE7), em virtude da sua extraordinária dureza, que contrastava com o restante sedimento. A continuação da escavação permitiu verificar que, apesar desta diferença, se tratava de uma única sepultura estando esta camada relacionada com o piso da UE5, como adiante veremos.

Sep. 28 (D 31/32)

Sepultura escavada no solo, localizada muito próximo da superfície, o que contribuiu para a forte deterioração do esqueleto de indivíduo jovem. Em volta do pescoço identificou-se um colar metálico e na mão esquerda um anel, também metálico (fig. 12 e 13).



Fig. 12: Pormenor do anel da sepultura 28 in situ.



Fig. 13: Pormenor do colar da sepultura 28 in situ.

Sep. 29 (B/C 26/28)

Ver sepultura 20.

Sep. 30 (D 32/33)

Sepultura escavada no solo de indivíduo não adulto. O esqueleto encontrava-se em estado de grande alteração, tendo, no entanto, sido possível determinar a idade da morte ($5 \text{ anos} \pm 16 \text{ meses}$). Em ambos os lados do crânio muito deteriorado foram identificadas duas argolas metálicas, correspondendo aos brincos (fig. 14). Sobre os pés do indivíduo identificou-se um conjunto de ossos, entre os quais ou íliaco de morfologia feminina, o que se interpreta como uma prova de reutilização do espaço sepulcral. Igual prova disso é a parte superior de um outro esqueleto, em mau estado de conservação, por cima da cabeça do indivíduo.

Sep. 31 (C/D 28/29)

Sepultura escavada na rocha de forma subtrapezoidal, cortada pela sep. 23. Possivelmente em virtude deste facto, no seu interior identificou-se apenas uma tíbia e um perónio direitos, em conexão anatómica, de um indivíduo jovem.



Fig. 14: Pormenor dos brincos da sepultura 30 in situ.

Sep. 32 (I/J 36/38)

Sepultura no sector B, parcialmente escavada na rocha (zona dos pés e parte do lado esquerdo), sendo a cabeceira e o lado direito definidos por um pequeno murete de pedra não argamassada (fig. 11). A sepultura encontrava-se coberta por um conjunto de cinco lajes de xisto e uma de granito. O esqueleto de um indivíduo de sexo feminino encontrava-se em razoáveis condições de preservação, com a exceção das costelas. No interior desta sepultura foi identificado um conjunto numeroso de ossos não pertencentes a este indivíduo, incluindo um crânio de não adulto.

Sep. 33 (E 28/30)

Sepultura escavada na rocha, parcialmente cortada pela vala de fundação da atual igreja (UE 8). No seu interior encontrava-se depositado um indivíduo adulto de sexo indeterminado, cujo esqueleto se encontrava em mau estado de conservação. Junto à cabeça identificou-se um segundo crânio, o que juntamente com os ossos recolhidos durante o proces-

so de escavação (eventualmente da sepultura 37), prova da reutilização do espaço.

Sep. 34 (F 26)

Sepultura escavada no solo, da qual se recuperaram apenas uma parte distal de um fémur, a tibia e o perónio direitos, em conexão anatómica, de um adulto. É provável que a sepultura continue para a zona não escavada do sítio (E/F 25).

Sep. 35 (F 26)

Sepultura escavada no solo, na qual se identificaram apenas as tíbias, perónios e alguns ossos dos pés, de um adulto de sexo indeterminado. Tal como a anterior, junto da qual se encontrava, esta sepultura deverá ter continuidade para a área não escavada.

Sep. 36 (F 29/30)

Sepultura escavada no solo, encostada ao alçado norte da igreja, de um indivíduo adulto do sexo feminino, em decúbito dorsal, mãos cruzadas sobre o corpo e pernas fletidas.

Sep. 37 (E 30/31)

Sepultura escavada na rocha cortada, na zona da cabeceira, pela sep. 33. O seu interior encontrava-se vazio.

Sep. 38 (C 26)

Sepultura escavada na rocha, identificada apenas parcialmente. A sepultura não foi escavada, uma vez que a sua cabeceira se prolongava para fora da área escavada.

Sep. 39 (E 32/33)

Foi ainda identificada, mas não escavada uma área que provavelmente corresponderá a uma sepultura. Trata-se de uma depressão no substrato xistoso, preenchida por sedimento, cuja orientação segue as restantes sepulturas. Na cabeceira apresentava duas lajes de xisto. Julgamos trata-se de um sepultura apenas parcialmente escavada na rocha, semelhante a outras identificadas. Esta sepultura não foi escavada por ter sido identificada já no final dos trabalhos, e a sua preservação foi assegurada.

4.3. Materiais não osteológicos

Para além dos materiais osteológicos identificados em posição primária, as distintas unidades estratigráficas apresentavam um vasto conjunto de material osteológico avulso e fragmentado em posição

secundária, fruto da longa vida de reutilização da necrópole.

Para além deste material, devidamente recolhido e acondicionado, recolheu-se ainda um conjunto de 570 peças ao nível do material arqueológico não osteológico. Este material compõe-se sobretudo de material de construção (404), sobretudo cerâmica e metais, seguido por objetos de natureza doméstica (153) e objetos de adorno pessoal (13). Ao nível das matérias-primas dos objetos identificados destaca-se a cerâmica (402), sobretudo de construção, seguida pelo metal (151), com o ferro a dominar os outros metais, como o bronze.

No material de construção domina a cerâmica (259), sobretudo telhas, seguido pelos metais (138), dominando as cavilhas. Não foi possível identificar qualquer caso de utilização das cavilhas em contexto de esquite.

O mundo doméstico encontra-se representado sobretudo por cerâmica comum a torno (99), que apresenta uma grande variabilidade ao nível das pastas e cozeduras, seguida pela faiança (24) e pela cerâmica vidrada de cor castanha alaranjada (12).

O material cerâmico apresenta-se muito fragmentado, dominando as paredes (92), seguidas por bordos (28) simples e almendrados, fundos planos (15), raros pés anelares (2), três exemplos de asa e dois testos.

A decoração surge sobretudo na faiança (14), geralmente a azul e verde, com a cerâmica comum a apresentar três exemplares de decoração plástica pela aplicação de cordões com digitações.

Ao nível do contexto doméstico, refira-se ainda a presença do vidro (9).

Em termos da distribuição dos materiais pelas unidades estratigráficas, salienta-se a UE2, seguida pela 4, 3 e finalmente a 8.

O facto da UE4, que corresponde ao preenchimento das sepulturas, constituir a segunda unidade mais abundante em objetos arqueológicos poderia fazer pensar na existência de espólio funerário. Contudo, com a exceção de alguns objetos metálicos encontrados em clara associação com indivíduos exumados, a quase totalidade dos materiais arqueológicos exumados mesmo na UE4 encontrava-se em posi-

ção secundária, fruto da contínua ocupação da necrópole.

De entre os casos de associação de objetos a enteramentos, refira-se o colar da sepultura 26, o par de brincos da sepultura 30, e o brinco, anel e colar da sepultura 28, podendo sugerir diferenças de estatuto ou especial dor no momento da morte, visto tratarem-se de duas crianças e uma jovem (figs. 8, 12, 13 e 14). Os dois fragmentos de metal identificados junto ao fémur esquerdo e entre a segunda e terceira vértebras lombares do lado direito do indivíduo da sepultura 17 poderão sair da esfera do adorno e ter uma função mais utilitária.

Para além dos materiais medievais e posteriores, refira-se ainda presença de materiais pré-históricos, como sejam a cerâmica manual (6) e uma movente de granito, mas sobretudo os materiais romanos, que incluem materiais de construção (*tegulae*, *imbrices* e *lateres*) e dois exemplares de *terra sigillata*, aparentemente tardia. Estes materiais representam cerca de 4% da totalidade do material exumado.

Finalmente, refira-se a identificação de uma moeda na unidade estratigráfica 8 do quadrado F28, identificada como ¼ de real cruzado de D. João I (fig. 15).



Fig. 15: Moeda identificada na unidade estratigráfica 8.

4.4. Gravuras

Apesar de não apresentarem qualquer relação estratigráfica direta com as sepulturas escavadas, referimos aqui um conjunto numeroso de gravuras realizadas nas paredes da igreja de N. Sra. dos

Anjos, cuja localização e temática parece, contudo, aproximá-las dos contextos escavados.

Trata-se de algumas dezenas de gravuras de motivos cruciformes, e algumas inscrições, que se distribuem sobretudo pelas paredes exteriores Norte e Sul da igreja.

Parede Sul da igreja

Notável conjunto de motivos cruciformes (fig. 16) de tipologia muito variada (fig. 17), acompanhados por inscrições numéricas como 1711, 1714 (?), 1715 (fig. 18), 174[...], que corresponderão a datas, todas da primeira metade do século XVII. A diferença no tipo de granito e erosão leva-nos a supor que os blocos superiores, que não apresentam gravações, tenham sido substituídos durante as obras de restauro do edifício.

Parede Este da Torre

Trata-se de um prolongamento dos motivos da parede Sul, apresentando-se alguns motivos muito erodidos. Não identificámos qualquer data.

Parede Norte da igreja

O número de inscrições é menor, salientando-se uma grande inscrição, com letra capital actúaria onde se lê: LOWADO SEJA [O SANTÍSSIMO SA]CRAMENTO. A forte erosão de um dos blocos impossibi-

lita a leitura total da inscrição, mas não impede a sua decodificação.

O número de motivos cruciformes (3) é muito inferior ao do alçado oposto, sendo na sua maioria de difícil visualização. Identificaram-se ainda algumas marcas de canteiro.

Parede Este da Igreja

Dois círculos inscritos em blocos próximos, bastante erodidos no alçado, já junto à esquina com a parede Norte.

5. Interpretação e conclusões preliminares

No sector A foi possível identificar vários momentos de uso do espaço como necrópole, bem como a sua relação com a construção da parede lateral da igreja na sua fase atual.

Este espaço foi alvo de um uso intenso, como provado pela grande quantidade de vestígios osteológicos identificados. O facto de se encontrarem em grande medida sem conexão, informa-nos da grande complexidade na utilização e reutilização do espaço em contexto sepulcral. Ainda assim, a partir dos vestígios encontrados em conexão anatómica e das estruturas de enterramento identificadas foi



Fig. 16: Vista parcial do conjunto de motivos cruciformes do alçado sul da igreja (montagem).



Fig. 17: Pormenor de motivo cruciforme do alçado sul da igreja.



Fig. 18: Motivo cruciforme e data na parede do alçado sul da igreja.

possível determinar algumas fases da sua utilização. A fase mais recente de uso do espaço foi caracterizada por enterramentos em fossa na terra e surge exemplificada pelas sepulturas 18, 28, 30, 34, 35 e 36, no sector A (e 26 no sector B). Embora parcial-

mente escavadas na rocha, as sepulturas 24 e 25 deverão também pertencer a esta fase, justificando-se a fraca escavação na rocha pela fraca potência sedimentar do local.

Esta fase parece ser caracterizada pela existência de algum espólio de natureza ornamental, como brincos, anel e colares, que, de uma forma significativa, se associam a indivíduos jovens (sep. 28 e 30 no sector A, e 26 no B). Esta fase apresenta algumas evidências de reutilização, como seja o caso da sepultura 30, onde o enterramento de uma criança corta outro de uma mulher, cujos restos dos membros inferiores foram acumulados aos pés da criança. Trata-se de única sepultura identificada no interior da UE6, localizada na zona nordeste no sector, e que, em grande medida, não foi escavada.

A relação estratigráfica entre esta fase e uma ou mais fases anteriores, caracterizadas pela escavação de sepulturas na rocha, estabelece-se de forma direta entre a sepultura 17 (em fossa), que se sobrepõe à sepultura 19 (escavada na rocha) no quadrado B27, e entre a 25 e a 21 entre os quadrados D28 e 29.

A relação entre a sepultura 36, as sepulturas 33, 37 e a unidade estratigráfica 8 é esclarecedora quanto à relação entre as diferentes fases do uso do espaço enquanto necrópole e a construção da atual igreja (fig. 19), definindo a seguinte sequência: sepultura 37, cortada por sepultura 33, cortada por unidade estratigráfica 8, na qual se insere a sepultura 36. Isto significa que a fase dos enterramentos em fossa é posterior à construção da igreja atual, que, por sua vez, é posterior à fase das sepulturas escavadas na rocha, que apresenta aqui duas fases.

Morfológicamente, no conjunto de sepulturas escavadas na rocha, uma delas atingindo grande profundidade (sep. 21), salienta-se as antropomórficas, como as sepulturas 19, 21, 23 e 29. Algumas das restantes poderão eventualmente fazer parte deste grupo, mas a escavação de outras sepulturas que as cortam dificulta a análise. Este facto determina diferentes momentos e cronologias relativas entre as sepulturas, nem sempre fáceis de discernir, como é o caso das sepulturas 19, 20 e 29, atrás assinalado.



Fig. 19: Relação entre seps. 36 (à esq.), 33 (à dir.), 37 (parcialmente em baixo) e UE8 (terra escura à esq.)

As associações das sepulturas 23/31 e 33/37 são relevantes, não só pela determinação das suas posições relativas, mas porque estabelecem relação entre dois conjuntos de sepulturas que apresentam uma ligeira variação na direção para Norte no conjunto 27, 31 e 33, o que poderia corresponder a um outro momento de uso do espaço. Contudo, se, como acima exposto, a sepultura 33 deste grupo corta a 37, já no caso das sepulturas 23/31, a situação se parece inverter, sendo a sepultura 31, de cujo enterramento resta apenas a tíbia e o perónio direitos, cortada pela 23. Assim, não podemos, para já, atribuir um significado cronológico às diferentes orientações na necrópole, podendo ser fruto variação das características da xistosidade e diáclases, no local da escavação da sepultura.

Na área escavada foi possível identificar um nível de piso (UE5), definido pela regularização da superfície do afloramento através de polimento em duas áreas distintas (B/C29/32 e C26). Presumimos que o piso seja exterior por não se ter identificado qualquer pa-

rede, mas torna-se difícil estabelecer a sua relação com os diferentes momentos de uso da necrópole. Os únicos indícios quanto a esta questão são relativos à sep. 27, parcialmente destruída na área não escavada na rocha (zona da cabeça), e cujo material osteológico sobrevivente se encontrava esmagado, no interior de uma camada muito compacta (UE7). O facto da sepultura se encontrar justaposta à maior área da UE5 leva-nos a considerar que a UE7 e o estado do material da sepultura sejam o resultado de uma compactação ocorrida no momento da criação do piso da UE5, pelo que este será posterior à fase mais antiga da necrópole, caracterizada pelas sepulturas escavadas na rocha.

Apesar da definição de diferentes fases, entendemos que a necrópole identificada resulta de uma devir contínuo, bem demonstrado pelos diferentes exemplos de reutilização dos espaços sepulcrais, definidos pelo corte de sepulturas prévias e a ocorrência de ossadas em posição secundária no interior das sepulturas (seps. 21, 33, 30 e 32).

Por outro lado, independentemente da fase e da tipologia, todos os enterramentos correspondem ao mesmo rito cristão, com a deposição dos corpos em decúbito dorsal, cabeça geralmente sobre a base, ou voltada, pernas esticadas e braços geralmente fletidos sobre o corpo, sem espólio ou ataúde (**ver quadro 1**).

No seu todo, a população da necrópole é maioritariamente adulta (9), seguindo-se as crianças (4), idosos (2) e um jovem adulto. O sexo mais representado é o feminino (5/1), embora a maioria dos indivíduos tenham sexo indeterminado (12). A altura média registada é de 1,58 m (**ver quadro 1**).

Como afirmado atrás foi possível determinar a relação entre os diferentes momentos da utilização da necrópole e a construção da parede norte da igreja (UE10), tendo-se identificado parcialmente a sua vala de fundação (UE8 e 9).

No sector B documentou-se um piso argamassado (UE3), com a respetiva camada de preparação (UE4), correspondendo provavelmente a uma divisão, cujos limites não foi possível determinar. Para além disso, identificou-se o alicerce de granito (UE10), onde assentam diretamente os blocos da

parede do topo da nave central da igreja (UE11), que aflorava parcialmente sobre o solo moderno (UE1). Este alicerce encontrava-se no interior de uma vala (UE6), sob a qual se identificou uma outra unidade composta por blocos de pedra (UE9), que provavelmente constituía a continuação dos alicerces da parede, mas cujo *terminus* não foi possível atingir.

Ao nível dos enterramentos foi determinado de forma clara a sobreposição dos enterramentos em fossa (Sep. 26) em relação aos enterramentos escavados (neste caso parcialmente) na rocha (Sep. 32), beneficiando este sector de uma maior taxa de sedimentação entre ambos os momentos. A justaposição de ambas as sepulturas à parede lateral da capela-mor (UE12) indica que ambas lhe serão posteriores. Não tendo sido identificado de forma clara uma vala de fundação da parede da capela-mor, contudo, o facto da Sep. 32 estar parcialmente escavada na rocha, precisamente no lado oposto ao parede da capela-mor, levanta a hipótese de que este seja o limite da vala de fundação, mas só a continuação dos trabalhos o poderão determinar de forma clara. A relação entre as paredes do topo da nave e lateral da capela-mor determina que a construção desta (UE12) tenha precedido a outra (UE11).

Para além das datações relativas determinadas pela posição estratigráfica das diferentes unidades, não foi possível determinar qualquer cronologia absoluta. Comparando os resultados com os objetivos definidos à partida concluímos que estes foram ambiciosos, tendo em conta a dificuldade dos trabalhos e o tempo disponível. Ainda assim, e sem grandes elementos de datação, foi possível adquirir alguma informação nova.

A inexistência de espólio funerário e a falta de dados radiométricos, impossibilitam o estabelecimento de uma cronologia absoluta e definitiva para a utilização da necrópole. Contudo, pelas relações estratigráficas verificadas no decurso da escavação, a necrópole rupestre identificada deverá anteceder a data da reedificação. A tipologia antropomórfica de algumas das suas sepulturas (19, 20, 21 e 23), aponta para um início desta utilização entre a segunda metade do séc. IX e finais do séc. XI, podendo chegar até ao XIII ou XVI (Barroca, 2011, p. 145).

A construção do atual edifício na segunda metade do século XVI não implicou o fim da utilização deste espaço como área sepulcral, o que é atestado por um segundo conjunto de sepulturas (por ex. 26 e 34). Apesar de não dispormos de uma relação direta, relacionamos este momento com as inúmeras inscrições cruciformes existentes em ambos as paredes laterais do edifício, onde constam datas de inícios do século XVIII.

Ao contrário do objetivo inicial foi impossível identificar contextos primários de ocupação romana. Contudo, a presença de abundantes materiais romanos, sobretudo de construção, que se juntam já conhecidos nos terrenos vizinhos, atestam uma ocupação da área em época romana, antes da sua conversão em necrópole cristã.

6. Medidas de proteção

Finda a escavação, a área de escavação foi delimitada por fitas sinalizadoras, em virtude do local ser muito frequentado aquando das cerimónias religiosas que aí têm lugar, da profundidade atingida numa das quadrículas e da necessidade de proteção das estruturas, que se apresentavam frágeis de vido à natureza da rocha.

Em ofício enviado à CMVNFC, dando conta da conclusão dos trabalhos, deu-se um parecer favorável à continuação dos trabalhos de pavimentação, subordinado a duas condicionantes:

1. Que não se rebaixasse a cota do terreno no sector B, onde era previsível o aparecimento de níveis arqueológicos preservados e não escavados;
2. Que toda a área escavada fosse coberta por geotêxtil, de forma a preservar as estruturas identificadas e delimitar a área escavada para futuras intervenções.

Isso mesmo foi transmitido ao encarregado da obra em reunião no local, indicações essas que foram respeitadas.

7. Perspetivas futuras

Em virtude da conclusão dos trabalhos de repavimentação, não se prevê uma continuação dos trabalhos de escavação no curto prazo.

Os materiais arqueológicos recolhidos foram lavados, etiquetados e acondicionados nas instalações do Museu do Côa em Vila Nova de Foz Côa. Os materiais osteológicos encontram-se igualmente depositados nos depósitos do Museu do Côa, merecendo estudo antropológico específico.

Entretanto, por iniciativa do atual presidente da Junta de Freguesia de Almendra, Sr. João Afonso, o material osteológico recolhido durante a intervenção do Dr. António Sá Coixão foi também transferido para os depósitos do Museu do Côa, como informado à Direção Geral do Património Cultural a 14 de Dezembro de 2015, juntando-se ao restante material.

Bibliografia

Aubry, T.; Carvalho, A.F.; Zilhão, J. (1997) - Arqueologia. In Zilhão, J. (Ed.) - *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa: Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 74-209.

Barroca, M.J. (2011) - Sepulturas escavadas na rocha de entre Douro e Minho. *Portugália* 31-32: 115-182.

Codinha, S. (2005) - *Relatório antropológico de campo da Necrópole da N. Sra. dos Anjos, Matriz de Al-*

mendra. Coimbra: Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Coixão, A. do N.S. (2004) - Intervenção arqueológica de emergência no adro da Igreja Matriz de Almendra: Ano de 2003: Primeiros resultados. *Côavisão* 4: 75-82.

Conceição, M. (1992) - Igreja Matriz de Almendra/Igreja de Nossa Senhora dos Anjos [em linha]. *Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Inventário do Património Artístico*. URL <<http://www.monumentos.pt>> [acedido a 16/03/05].

Luís, L. (2005) - Arte rupestre e ocupação humana no Vale do Côa: Balanço da investigação no Parque Arqueológico do Vale do Côa. *Côavisão* 7: 31-60.

Ribeiro, M.L. (2001) - *Carta geológica simplificada do Parque Arqueológico do vale do Côa: Escala 1:80.000: Notícia explicativa*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

Silva, A.F. da; Ribeiro, M.L (1991) - *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000: Notícia explicativa da folha 15-A (Vila Nova de Foz Côa)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.